



GT 010. Antropologia da Economia

Arlei Sander Damo (UFRGS) - Coordenador/a
 Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta
 Instituto de Estudos Sociais e Políticos) -
 Coordenador/a, Gustavo Gomes Onto (UFRJ) -
 Debatedor/a, Lúcia Helena Alves Müller (Pontifícia
 Universidade Católica do Rio Grande dos Sul) -
 Debatedor/a

Desde o nascimento da nossa disciplina os intercâmbios de objetos e riquezas, mediados ou não pelo dinheiro, as formas de valoração e de provimento das condições materiais de continuidade da vida foram objeto de descrição e interpretação a partir dos modos de vida dos outros. As teorias econômicas já tinham grande importância nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas últimas décadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A importância dos especialistas, sejam acadêmicos ou gestores governamentais, nunca foi tão grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de políticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a própria definição sobre o que seja a economia ou que caracterize algo prática, teoria ou econômico. A Antropologia da Economia vem ganhando novo fôlego, com a organização de diversos eventos e publicações acadêmicas voltados a essa área de estudos. O objetivo do GT é propiciar um espaço dedicado a colocar em diálogo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observação que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em questão as fronteiras e limites do econômico, como a relação com as práticas familiares, a intimidade, a religião, o consumo, a dívida, a política, as moralidades e assim por diante.

A financeirização das classes populares brasileiras/ Uma etnografia das práticas financeiras nas margens urbanas de Vitória (ES)

Autoria: Timothée Narring

A partir de uma etnografia das práticas financeiras na favela São Benedito, essa pesquisa tem como objetivo analisar os efeitos da incorporação das « pessoas de baixa renda » ao sistema financeiro brasileiro. A partir de uma longa imersão ao campo de pesquisa, analiso como as margens urbanas se relacionam com o conceito de dívida e assumem diferentes obrigações monetárias e morais, interiores ou exteriores ao bairro. Depois de um work de mestrado focado sobre as apropriações territoriais do « Banco Bem » no São Benedito (2016), decidi repensar a ação desse banco comunitário no contexto mais geral de financeirização das classes populares brasileiras. A centralidade do endividamento com bancos, financeiras e supermercados, vetor de inclusão à sociedade de consumo, representa uma mudança essencial. No entanto, existem poucos works que articulam esses processos macroeconômico e político com uma abordagem etnográfica. A partir do contexto apresentado, proponho pensar a financeirização no Brasil através de duas dimensões: a) como uma construção política (através das políticas sociais) de uma relação nova entre pessoas de baixa renda e instituições financeiras, que se intensificou com a estimulação do crédito e se concretizou principalmente nas práticas de consumo. b) como uma situação presente nas classes populares, onde as práticas financeiras ocupam uma parte central e crescente do tempo e da renda e se tornam necessárias à reprodução das condições de vida. Nos primeiros campos de pesquisa (2016, 2018), comecei acompanhar as trajetórias financeiras de 20 famílias, tomando a metodologia das histórias de vida como referência; além das observações experimentadas da vida cotidiana e de eventos centrais da vida do bairro. Dessas primeiras experiências surgem duas reflexões de análise. Por um lado, as financeiras ocupam um lugar central nas práticas de crédito dos moradores de São Benedito. Já que a maioria da população não tem acesso a crédito



nos bancos convencionais, elas usam os serviços das financeiras que propõem condições mais flexíveis mas têm um custo muito alto. Por outro lado, a renegociação ou mesmo o não pagamento da dívida acabam sendo saídas possíveis para as classes populares. Dessa maneira, no meu próximo campo (setembro 2018-janeiro 2019) tenho como objetivo prosseguir essas questões. A reunião de antropologia brasileira será justamente uma oportunidade para discutir sobre as observações do campo. Permitira também me familiarizar com a antropologia econômica brasileira que eu acessei através dos works do grupo « Economia e Cultura » do Museu Nacional. E ainda com respeito a bibliografia, imagino combinar essa contribuição com a socioeconomia francesa inspirada por Karl Polanyi.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

